

EM ZIGUE-ZAGUE: TRABALHO, LIXO E CIDADE

Simone Lira da Silva¹

O presente ensaio fotográfico é o resultado de pesquisa realizada junto a Associação de Recicladores Por do Sol (ARPS) de Santa Maria, no ano de 2009. Nesse período, essa associação era composta por quatro mulheres, com as quais tive a oportunidade de experimentar o trabalho de coletar lixo na rua. Nas imagens que selecionei para este ensaio busco descrever o trabalho de coletar o lixo com carrinho pelas ruas, transportá-lo ao galpão de triagem, separar e enfardar. Também compartilho parte dos sentimentos que realizar este trabalho provocavam na pesquisadora.

Com carrinhos feitos de uma armação de metal cercado por uma tela de plástico, sustentado com um único eixo de rodas e puxado a mão, associadas da ARPS percorriam as ruas de Santa Marta, bairro periférico, localizado em uma das partes mais altas da cidade de Santa Maria, RS. O trabalho de coleta do lixo consistia em sair em zigue-zague, procurando material. De lixeira em lixeira, elas iam apalpando as sacolas e, quando tateavam algo que poderia ser reciclável, faziam pequenos furos nos sacos e retiravam o material. Na rua, tudo era possível de ser encontrado, desde dejetos de animais até “caixas de memórias”. Em certa ocasião foi trazida para a associação uma caixa com várias cartas, cartões de natal e exames médicos. Alguns desses documentos pareciam ser bem velhos, datados do início do século. Como pesquisadora fiquei muito curiosa sobre o porquê de tais memórias estarem sendo descartadas, no entanto, para as associadas, eram apenas papéis.

Quando o dia era “bom” (não chovia e o caminhão da coleta contratado pelo município não havia passado na frente) os carrinhos voltavam cheios. No galpão, os materiais dos

¹ Professora Substituta na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da mesma universidade e doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

carrinhos eram triados e separados em grandes sacos e, quando havia material suficiente, os mesmos eram prensados para formar os fardos que seriam vendidos a atravessadores da região. Os materiais mais coletados eram garrafas pet, papelão, papel caixinha, caixas de leite e embalagens de plástico duro. Depois da venda, parte significativa do sustento das famílias dessas mulheres estava garantida.

Esta atividade se revelava, para a antropóloga, também uma oportunidade de visualizar a rotina romântica e pitoresca dos moradores da vila, cujas ruas percorríamos. Ouvíamos (talvez apenas eu ouvisse, dada a minha pouca familiaridade com estes sons) gritos das crianças que brincavam nos quintais fechados de arame farpado ou de madeira. Sentíamos (ou sentia), com o primeiro sol depois de dias de chuva, o cheiro de amaciante exalado das roupas que decoravam varais e cercas de pequenas casas. Estes sentidos eram interrompidos pela buzina dos carros impacientes com a interrupção que o carrinho provocava em algumas ruas.

Embora Nova Santa Marta fosse um bairro com pouco movimento de veículos, apenas a rua central de acesso ao bairro era pavimentada, as demais, em sua maioria eram estreitas e enlameadas. Em muitas ocasiões, os carros e ônibus precisavam esperar para que a carroça pudesse atravessar ou encontrar um espaço no acostamento. Sair à rua para coletar lixo com estas mulheres era sempre um momento de angústia, quando temia que pudéssemos ser atropeladas, que pudéssemos ser enxotadas pelos moradores das casas em que remexíamos o lixo ou pelo cansaço causado no descer e subir ladeira.

Embora tenha organizado as fotos de modo a seguir a sequência do trabalho realizado pelas mulheres da ARPS, as imagens também carregam a subjetividade da pesquisadora sempre em zigue-zague entre os objetivos da pesquisa e seu constante encantamento com o trajeto.



Galpão de reciclagem da ARPS logo após a venda dos Materiais coletados.



Associadas da ARPS saindo para a coleta de material reciclável.



Os carrinhos eram revestidos com diversos tipos de materiais e decorados com objetos como a placas, CDs cartazes, etc.



O prédio de três andares do Colégio Maristas destaca-se sobre as pequenas construções do alto da Boa Vista, no Bairro Nova Santa Marta, Santa Maria, RS. As associadas avaliavam positivamente este colégio, mas o consideravam inacessível a seus filhos.



Vista da periferia de Santa Maria, RS.



Casas e cercados locais.



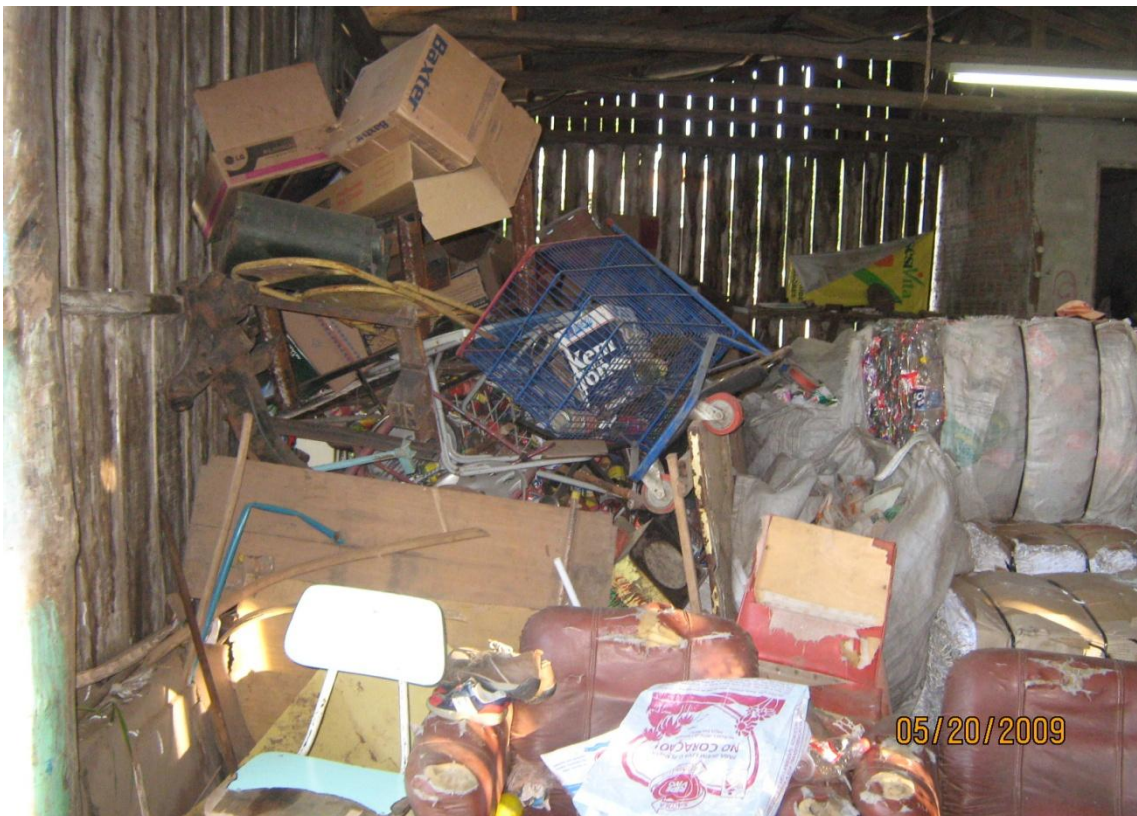
Centro de Santa Maria, ao fundo.



Percorrendo a avenida de acesso a Nova Santa Marta.



Associadas da ARPS fazendo a triagem do material coletado.



Entulho de metais: os metais não são prensados para a venda.



Saco com pets transparentes separadas.



Recipiente de separação de embalagem lona vidas.



Fardos de material reciclável estocados para a venda.